

Epistemologia do Tempo: Resenha do livro *Sobre o Tempo*, de Norbert Elias *Epistemology of Time: Review of Norbert Elias's book About Time*

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v12i1.2794>

*Rafael Penido Vilela Rodrigues*¹

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

rafaelpenidodh@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-4452-6365>

Recebido em: 26/06/2019 – Aceito em 30/07/2019

Resumo: Nessa resenha será apresentado o livro *Sobre o Tempo*, de autoria do ilustre sociólogo Norbert Elias, o pensador que fez escola ao longo do século XX nos campos das Ciências Humanas e Sociais com suas abordagens originais e paradigmáticas. Na obra *Sobre o Tempo* não foi diferente. Ao longo desta resenha será mostrado as perspectivas e os avanços que o autor dá acerca do estudo epistemológico do tempo, fazendo um enlace das abordagens filosóficas e historiográficas para coroar com aviação sociológica e propor que a experiência social cognoscível do tempo se trata de uma quinta dimensão.

Palavras-chave: Tempo; Norbert Elias; Epistemologia;

Abstract: In this review will be presented the book *Sobre o Tempo*, authored by the illustrious sociologist Norbert Elias, the thinker who did school throughout the 20th century in the fields of Human and Social Sciences with their original and paradigmatic approaches. In the book *Sobre o Tempo* was not different. Throughout this review will be shown the perspectives and the advances that the author gives about the epistemological study of time, making a link of philosophical and historiographic approaches to crown with the sociological vision and to propose that the knowable social experience of time is a fifth dimension.

Keywords: Time; Norbert Elias; Epistemology.

Introdução

Em 1998 a editora Zahar lançava a primeira edição brasileiro do livro *Sobre o Tempo*. Esta é mais uma obra do ilustre sociólogo Norbert Elias (1897–1990), o polonês de origem judaica, radicado na Alemanha, autor de livros consagrados e paradigmáticos não só no campo da Sociologia, mas nas Ciências Humanas em geral, como: os dois volumes de *O Processo Civilizador* de 1939, *A sociedade dos indivíduos* de 1939, *Os estabelecidos e os outsiders* de 1965, *A sociedade de corte* de 1969, *Mozart: a sociologia de um gênio* de 1991, dentre outros monumentos da literatura alemã do século XX que marcaram os estudos sociais e a maneira de se entender a formação histórica e psicológica das sociedades e as relações individuais que a compõem.

Norbert Elias desenvolveu, ao longo de suas obras, um estudo minucioso se valendo da Psicanálise, da Teoria da História, da Antropologia e da Filosofia, de forma a alavancar as ferramentas da Sociologia focando na relação entre comportamento, emoção e conhecimento na história. Ele estudou Sociologia, Medicina, Filosofia e Psicologia nas Universidades de Breslau e Heidelberg. Mas devido a circunstâncias históricas, ele per-

¹Historiador, graduado pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH). Graduando em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH-UFMG). Realizou intercâmbio em Filosofia na Universidade do Minho (UMinho), em Portugal, através do programa MinasMundi da UFMG em 2017/2018, onde desenvolveu o projeto de pesquisa acerca da Filosofia em Portugal no século XVIII e investigou a vida e a obra do filósofo luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça. Tem experiência na área de História, com ênfase nas pesquisas sobre Memória, Historiografia, Identidades e Regionalismos. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Antropologia Filosófica, Filosofia da História e Filosofia das Emoções. Atualmente é colaborador do Jornal Cidades, periódico circular na Região das Vertentes Mineiras, é monitor da disciplina de Filosofia Moderna da UFMG e colaborador de produção do grupo Estratégia Concursos.

maneceu durante um longo período como um autor marginal, tendo sido (re)descoberto por uma nova geração de teóricos nos anos 1970, quando se tornou um dos mais influentes sociólogos de todos os tempos. Eliass morou na França, após deixar a Alemanha nazista em 1933 e depois foi para a Inglaterra, onde foi professor de Sociologia na Universidade de Leicester entre 1945 e 1962. Também lecionou mais tarde como professor visitante em universidades na Alemanha, Holanda e Gana.

A obra *Sobre o Tempo* – no original *Über die Zeit*, de 1984 – foi organizada e editada por Michael Schröter. Trata-se de uma série de 46 pequenos e densos ensaios acerca da teoria do conhecimento do tempo, de suas transformações no interior das sociedades e das condições epistemológicas e psicológicas que permitiram a absorção de certas representações acerca do tempo. Ainda, segundo o posfácio do organizador, estes ensaios não foram escritos de uma só vez. Os primeiros 27 ensaios foram inicialmente redigidos e publicados em revistas científicas de universidades holandesas e alemãs entre 1974 e 1982 (acrescentando as seções 28 e 29 numa revisão neste último ano). A princípio, o manuscrito original foi escrito em inglês, intitulado *Time. An Essay*, e só depois traduzido para o alemão. Mais tarde, com vistas à publicação do livro no alemão, Norbert Elias redigiu a Introdução e as seções 30 a 46 no início de 1984, completando, então, o livro que hoje temos nas mãos.

A verdade é que o trabalho a que Norbert Elias se propõe neste livro é árduo. Afinal de contas, pensar o tempo nunca foi uma tarefa fácil. Platão no *Timeu*, Aristóteles no livro IV da *Física*, Plotino no livro III das *Enéadas* e Santo Agostinho no livro XI das suas *Confissões*, já atestavam tal dificuldade desde a antiguidade, passando por Galileu, Descartes, Newton, Kant e Einstein, que também enfrentaram e mostraram as dificuldades de se pensar o problema epistemológico do tempo. Mas Norbert Elias quer ir além; sua cabeça pensa o social e não poderia ser diferente com o tempo. Ele não pretendeu entender o tempo como um ente, capaz de ser apreendido, ou nem como uma ideia inata. Ele queria entender a regulação social do tempo em acordo com a consciência pessoal do tempo, isto é, com uma pergunta: como os traços do processo civilizador definem aquilo que pensamos conhecer acerca do tempo?

Nota-se, pois, que seu problema é epistemológico e sua teoria sociológica. Com efeito, Norbert Elias não nega que há algo que passa, mas tampouco aceita que o tempo exista em si, ou que seja um dado objetivo como quis Descartes, ou um juízo sintético *a priori* como postulou Kant. Segundo ele, as pessoas não conseguem parar de ter a impressão de que é o próprio tempo que passa, quando, na realidade, o sentimento de passagem se refere ao curso da própria vida alinhada às transformações da natureza e da sociedade. Na verdade, o tempo é, antes de tudo, um símbolo social de orientação, fruto de um longo processo civilizador que condicionou o conhecimento humano. Assim, Norbert Elias afirma, como um bom “continental”, que isso só se evidencia ao compararmos o hábito social de homens que viveram em sociedades históricas de estrutura mais simples e menos exigentes quanto à exatidão temporal. Deste modo é possível fornecer os elementos de interpretação dos símbolos sociais necessários para permitir que a interpretação do tempo abra caminho entre as alternativas filosóficas tradicionais, desenvolvendo uma teoria sociológica do saber e da atividade de conhecimento. Neste sentido, é possível fornecer aos indivíduos submetidos à dimensão do tempo uma compreensão melhor deles mesmos e da condição humana em geral, uma vez que o objeto do saber não é mais o indivíduo por si, reificando o tempo, mas o fluxo incontável das gerações que definem a contagem do movimento.

Vale a pena antecipar aqui que a tese principal de Norbert Elias é que o tempo ocupa a quinta dimensão. Diz isso na medida em que tudo o que é perceptível, inclusive a realidade humana, ocupa uma posição em cada uma das quatro dimensões formadas pelo espaço e pelo tempo, e, paralelamente, o

tempo é a figuração de um símbolo social, alçando-o a uma quinta dimensão do mundo humano. A questão é que o tempo se desloca da dimensão do universo físico e passa a ser apreendido como um símbolo de origem humana a partir do momento em que a sociedade se integra como sujeito determinante do conhecimento, traduzindo o fluxo incessante dos acontecimentos para situarem os indivíduos no interior desse fluxo, determinando posições, medindo durações, intervalos, velocidades e mudanças. Em outras palavras, a percepção do tempo exige centros de perspectiva, que é a própria experiência histórica humana, de modo a modificar a estrutura e a direção da qual a compreensão acerca do tempo é transmitida, indo para além do plano físico e ocupando o simbólico, donde Norbert Elias afirma a existência de uma dimensão quántupla.

A sociedade ocidental industrializada, por exemplo, formalizou a compreensão do tempo de forma muito singular e universalista. Os ponteiros do relógio – como contínuos evolutivos elaborados e padronizados pelo homem para servir de quadro de referência e escala de medida – encarnam a ideia de tempo em um universo ao mesmo modo condicionante e alheio ao homem, como se o tempo estivesse em um plano físico que, de um lado, se diferenciaria do plano social e, de outro, o condicionaria coercitivamente. A proposta de Norbert Elias, porém, é que enquanto não tivermos presente no espírito que há uma relação indissolúvel entre os planos físico e social do universo, não conseguiremos examinar o problema do tempo, pois os problemas físicos e sociológicos que gravitam em torno das investigações são de uma mesma natureza, a saber, como se dá o aprendizado acerca do tempo.

A questão é que Norbert Elias nega que a consciência do tempo seja uma espécie de ideia inata. Por outro lado, a noção *detabula rasa* intelectual é aceita por ele pensando de forma diacrônica o transcurso da história humana, advertindo que os saberes e sinais que os seres humanos são capazes de adquirir teriam que ser elaborados por eles mesmos, a partir da sua própria experiência. Neste sentido, ele identifica que a organização do tempo assume papel importante na compreensão das sociedades. Os calendários, por exemplo, são capazes de revelar os usos que as sociedades faziam do mundo biológico, orientando-se pela lua, pelo sol e pelas estações, demarcando os períodos de plantio e colheita, festas e ritos religiosos, para orientar e sistematizar processos fundamentais existentes no interior das relações humanas. Segundo ele, há um progresso social nessas determinações de saber, pois se trata de um espaço de experiências que congrega a dimensão do conhecimento empírico das gerações em uma organização simbólica, definindo o tempo como esta orientação da existência social.

A partir disso, Norbert Elias vê a necessidade de explicar a compreensão humana frente a esse quadro de referências. Nas entrelinhas de seu texto, se vê a presença da teoria aristotélica acerca do tempo, ao dizer que “a determinação do tempo repousa [...] na capacidade humana de relacionar duas ou mais sequências diferentes de transformações, uma delas servindo de escala de medição do tempo para a outra ou as outras” (ELIAS, 1998, p. 60). Mas, se Aristóteles queria entender o tempo em si, Norbert Elias se apoia apenas na definição de que é a partir da observação de sequências que se pode determinar a presença simultânea das três percepções do tempo na experiência humana, a saber: passado, presente e futuro. Essas sequências servem para modelar a consciência dos processos sociais. E é esse mesmo *continuum* que marca as características do que ele chama de quinta dimensão do universo humano, pois determinam o surgimento da realidade social da humanidade acessível à experiência e à figuração.

O autor, em síntese, convida seus leitores à reflexão acerca da noção de que o tempo é uma fabricação humana simbólica condicionada às experiências histórico-psicológicas das sociedades, que culminou num esforço mecanicista determinante, reduzido a movimentos mecânicos que os homens colocam a serviço de seus próprios fins, desencadeando a sensação de tempo escasso. A sua proposta,

contudo, é motivar o leitor a pensar que o tempo é algo que faz parte essencialmente do conhecimento humano como um todo, que determina as atividades, organiza a consciência dos acontecimentos, regula a vida cotidiana, estabelece a rotina das ações, sendo apontado, portanto, como uma das grandes construções da humanidade. Ele lembra ainda que investigar sobre o tempo envolve sempre uma dimensão de mistério, um enigma paradigmático que está relacionado diretamente a autocompreensão que os seres humanos têm de si mesmos.

O convite de Norbert Elias é tentador e lança o leitor em uma vastidão de investigações, envolvendo-o numa leitura epistemológica não só acerca do conhecimento do tempo, mas de si mesmos e das “evoluções” do pensamento humano. Seu livro termina apontando para o horizonte, dizendo que ainda resta muito a ser feito e motivando o leitor a compreender a sua própria experiência do tempo e, com isso, a compreender a si mesmo. Por fim, vale dizer que esta é uma obra de fôlego que merece ser lida detidamente, sendo indispensável para quem se propõe a compreender a rede de organizações e configurações sociais e a história das relações que compõe o universo humano.

Bibliografia

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 168 p. Tradução de Vera Ribeiro. Publicado originalmente sob o título *Über die Zeit*, em 1984, por SuhrkampVerlag, de Frankfurt, Alemanha. Editado por Michael Schröter.